

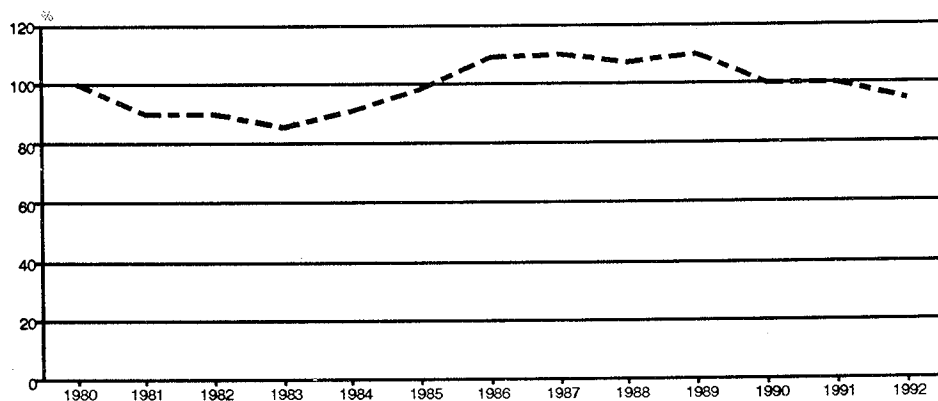
PRODUÇÃO, EMPREGO, SALÁRIO E PRODUTIVIDADE INDUSTRIAL EM 1992: UM ANO DE PARADOXOS

*Carmem A. do V.C. Feijó**
*Paulo Gonzaga M. de Carvalho***

Muitos analistas afirmavam, no início do ano passado, que a produção industrial cresceria impulsionada pela agricultura e pelas exportações. Ao terminar o ano, o PIB da lavoura havia crescido 6,5%, e as exportações de produtos industrializados, 19,7%, a maior taxa dos últimos oito anos. Mesmo assim, a produção industrial decresceu 4,7%, situando-se num patamar inferior ao de 1980 (Gráfico 1), e o emprego acompanhou esse decréscimo com -7,6%, inferior em quase 30% ao de 1980. Além disso, deve-se acrescentar que, apesar da recessão em 1992, o salário médio real da indústria e a produtividade, paradoxalmente, se elevaram, como veremos mais adiante.

GRÁFICO 1

PRODUÇÃO INDUSTRIAL NO BRASIL — 1980-92



FONTE: IBGE.

NOTA: Os dados têm como base 1980=100.

* Professora da UFF.

** Economista do IBGE e Professor da UNESA.

A discrepância nos resultados da lavoura e da indústria deveu-se ao fato de que, das culturas agrícolas mais articuladas com a indústria, apenas o fumo (41,2%) e a soja (28,3%) obtiveram crescimento significativo. Boa parte da produção de soja em 1992 foi exportada in natura, passando ao largo do processamento industrial. Quanto à indústria fumageira, esta tem pouco peso no parque produtivo nacional. A produção de laranja (3,9%), cana-de-açúcar (3,8%), trigo (-2,8%) e café (-14,9%), produtos vinculados a importantes cadeias agroalimentares, tiveram um desempenho abaixo da média do Setor Primário (Tabela 1). O fato de a produção de milho, por exemplo, ter tido um grande aumento nesse ano (29,4% na primeira safra e 20,3% na segunda safra) afetou muito pouco a evolução da produção industrial, pois apenas uma pequena parcela da safra é industrializada. Esses fatores contribuíram para que a agroindústria fechasse o ano com uma queda de -1,4%.

Tabela 1

Produção da lavoura, segundo produtos selecionados, no Brasil — 1992

PRODUTOS AGRÍCOLAS SELECIONADOS	ÍNDICES
Algodão herbáceo	90,98
Cacau	106,89
Café	85,08
Cana-de-açúcar	103,77
Fumo	141,17
Laranja	103,90
Milho 1ª safra	129,42
Milho 2ª safra	120,25
Soja	128,27
Trigo	97,18
PIB da lavoura	106,50

FONTE: IBGE.

NOTA: Os dados têm como base 1991 = 100.

As exportações em dólar aumentaram 14,5% em 1992, e o destaque coube aos produtos industrializados (19,7%). No entanto esse incremento ainda se apresenta pequeno para impulsionar o crescimento industrial a nível nacional, dado que, dentre outros fatores, apenas 13,1% das vendas da indústria são destinados ao mercado externo, segundo o Censo Industrial de 1985. Em 1984, por exemplo, ano em que o setor externo foi uma importante alavanca para o aumento da produção da indústria, as exportações do setor manufatureiro elevaram-se em 37,9%, quase o dobro da taxa obtida em 1992. Ao contrário de 1984, em 1992 o acréscimo das exportações esteve relativamente concentrado em um setor, o automobilístico, o que também atenuou o impacto positivo do aumento das exportações sobre o setor industrial.

Do lado do mercado interno, a contração da demanda foi bem evidente. O faturamento real do comércio varejista na Região Metropolitana de São Paulo decresceu 15,8% em 1992, segundo a Federação do Comércio do Estado de São Paulo, com destaque para a contração em bens de

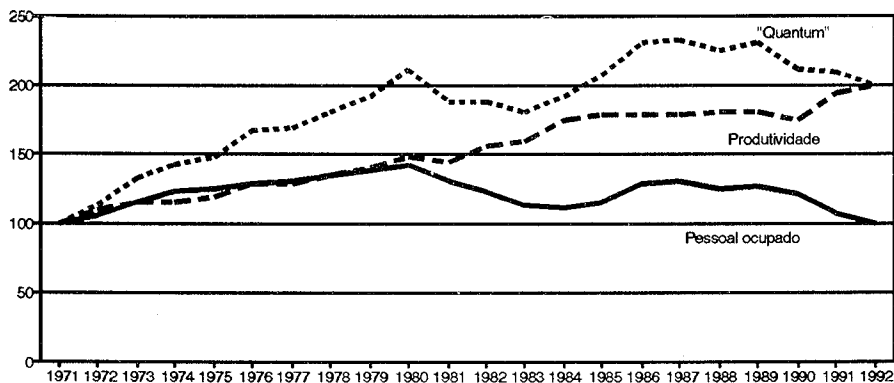
consumo duráveis (-24,1%). Note-se que o setor automobilístico não obteve um bom desempenho nas vendas internas, o que gerou o decréscimo no faturamento real tanto no comércio de autopeças e acessórios quanto no de concessionárias de veículos, segundo a mesma fonte.

Apesar da recessão na indústria, houve uma expansão real dos salários médios industriais (deflacionado pelo INPC) de 12,8%, marca similar a de 1986 (12,5%), ano do Plano Cruzado. Na realidade, o aumento nos níveis salariais médios reflete o efeito composição (elevação da média salarial pela demissão dos empregados de baixa remuneração) e a maior indexação informal dos salários dentro da estratégia empresarial de pagar salários competitivos, em termos do mercado de trabalho, aos trabalhadores mais qualificados. Portanto, o aumento dos salários espelha em boa medida a recessão, pois tem como base a dispensa de funcionários.

O aumento da produtividade em 1992, de 3,1%, da mesma forma que o do salário médio real baseia-se na queda do nível de emprego (-7,6%). É a "produtividade perversa" que se diferencia da "produtividade saudável" da década de 70, quando esta crescia e o emprego e a produção também (Gráfico 2).¹ O que se observou em 1992 foi que a produção por trabalhador aumentou, como uma reação à crise, via racionalização da produção, e, em menor medida, refletindo mudanças estruturais da indústria, na busca por maior competitividade. Não acreditamos que este último fator seja, ainda, o preponderante, dado o baixo nível dos investimentos produtivos.

GRÁFICO 2

ÍNDICES DE "QUANTUM", DE PESSOAL OCUPADO E DE PRODUTIVIDADE DA INDÚSTRIA NO BRASIL — 1971-92



FONTE: IBGE.

NOTA: Os índices têm como base 1980=100.

¹ Para a análise da evolução da produtividade no período 1971-92, foram encadeadas diferentes séries das pesquisas mensais de emprego e produção física do IBGE. Embora reconhecendo diferenças metodológicas e de cobertura, acredita-se que isso não seja suficiente para alterar as tendências verificadas em termos da indústria geral.

Em termos de elevação do nível de produtividade, dois gêneros destacam-se: têxtil (13,5%) e metalúrgica (12%), conforme Tabela 2. Para esses gêneros, possivelmente, além da recessão, as mudanças na política industrial no sentido de aumentar a concorrência interna contribuíram para explicar a variação positiva observada. No setor de têxtil, que teve em 1992 a maior taxa desde 1971, a queda das tarifas de importação deve ter tido grande influência, por facilitar a compra de máquinas e equipamentos no Exterior e aumentar a concorrência com produtos importados. Vale lembrar que o têxtil sempre foi um setor muito protegido pelas barreiras aduaneiras. A metalúrgica do Rio de Janeiro elevou o resultado nacional, alcançando a marca de 23,9%, o que significa um aumento acumulado de 55% nos dois últimos anos. Provavelmente, o drástico enxugamento da CSN, que se prepara para a privatização, explica esse resultado.

Tabela 2

Índices de produção física, de pessoal ocupado e de produtividade da indústria no Brasil — 1992

CLASSES E GÊNEROS	PRODUÇÃO FÍSICA	PESSOAL OCUPADO	PRODUTI- VIDADE
Indústria geral	95,33	92,43	103,14
Extrativa mineral	99,72	94,86	105,12
Indústria de transformação ...	95,09	92,39	102,92
Minerais não-metálicos	91,52	100,23	91,31
Metalúrgica	99,27	88,66	111,97
Mecânica	90,41	95,91	94,27
Material elétrico e de comu- nicações	81,60	85,34	95,62
Material de transporte	100,95	96,61	104,49
Madeira	-	95,90	-
Mobiliário	-	83,45	-
Papel e papelão	99,04	97,63	101,44
Borracha	101,70	98,34	103,42
Couros e peles	-	92,07	-
Química	97,94	94,30	103,86
Farmacêutica	86,05	98,29	87,55
Perfumaria, sabões e velas .	98,56	93,44	105,48
Produtos de matéria plás- tica	90,30	91,73	98,44
Têxtil	95,98	84,57	113,49
Vestuário, calçados e arte- fatos de tecidos	86,11	84,62	101,76
Produtos alimentares	99,42	96,51	103,02
Bebidas	81,62	94,69	86,20
Fumo	104,80	112,74	92,96
Editorial e gráfica	-	89,81	-
Diversos	-	94,85	-

FONTE: IBGE/DPE/Departamento de Indústria.

NOTA: Os dados têm como base 1991 = 100.

As perspectivas para 1993 são favoráveis para o setor externo, pois a expectativa é a de que a economia americana continue em recuperação, e isso terá efeitos positivos sobre o comércio internacional. No setor agrícola, entretanto, espera-se uma diminuição de 1,5% na área plantada em relação à área colhida da safra anterior (estimativas do IBGE/DEAGRO) para a região Centro-Sul e Rondônia, sem compensação em outras regiões. Estima-se que o crescimento das lavouras de soja (11,8%) e fumo (9,1%) será menor que o de 1992 e que as importantes culturas do algodão e da cana-de-açúcar registrarão quedas de -18,2% e -0,7% respectivamente. O cenário para o mercado interno está ainda indefinido, pois não se dispõe de nenhum indício claro de que o quadro recessivo será revertido nos próximos meses. A inflação permanece num patamar bastante elevado (acima de 25% ao mês), o que acaba por inibir o crescimento real dos salários. As taxas de juros, por sua vez, continuam altas, desestimulando os investimentos produtivos e, conseqüentemente, apontando dificuldades na retomada do processo de crescimento. Tudo indica, até o momento, que as tendências de 1992 devam se manter em 1993, e, portanto, possivelmente teremos outro ano com paradoxos.

Bibliografia

BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA (1992). Brasília: DECEX. dez.

CONJUNTURA AGROPECUÁRIA (1992). s.n.t. dez.

INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA : Brasil - emprego e salários (1992). Rio de Janeiro: IBGE/DPE. vários números. (Pesquisa industrial mensal)

INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDÚSTRIA : Brasil - produção física (1992). Rio de Janeiro: IBGE/DPE. vários números. (Pesquisa industrial mensal)

INDICADORES da produção industrial 1971/90 (1991). Rio de Janeiro: IBGE. (Séries retrospectivas: estatísticas básicas, n.2)

INDICADORES de emprego, salário e valor da produção industrial 1971/90 (1991). Rio de Janeiro: IBGE. (Séries retrospectivas: estatísticas básicas, n.3)

PRODUTO interno bruto (1992). s.n.t. 4.trimest.